

# FRAGMENTOS DE EXPERIÊNCIAS CURRICULARES NA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA ENTRE 1960 A 2010 EM PARINTINS

## FRAGMENTS OF EXPERIÊNCIAS CURRICULARES IN THE MATHEMATICAL EDUCATION AMONG 1960 TO 2010 IN PARINTINS

*Isabel do Socorro Lobato Beltrão<sup>1</sup>*

*Amarildo Menezes Gonzaga<sup>2</sup>*

<sup>1</sup>Universidade do Estado do Amazonas/Programa de Pós Graduação em Educação em Ensino de Ciências na Amazônia/Escola Normal Superior. Bolsista da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Amazonas-FAPEAM, [ysabelobato@hotmail.com](mailto:ysabelobato@hotmail.com)

<sup>2</sup>Universidade do Estado do Amazonas/ Programa de Pós Graduação em Educação em Ensino de Ciências na Amazônia/Escola Normal Superior, [amarildo.gonzaga@yahoo.com.br](mailto:amarildo.gonzaga@yahoo.com.br)

### **Resumo**

Pesquisa empírica amparada nos parâmetros da metodologia da História Oral, focada em experiências curriculares decorrentes da Educação Matemática. Centrar-se-á em narrativas da professora pesquisadora e de professores que ministraram e/ou ministram Matemática no Ensino Fundamental e Médio no período entre 1960 a 2010 em Parintins-AM. Far-se-á um mapeamento dos professores no período citado. A partir deste, serão selecionados aleatoriamente cinco professores. Verificar-se-á que eles narram sobre abordagens, estratégias de ensino e processos avaliativos que sustentaram e/ou sustentam seus trabalhos pedagógicos. Tais experiências denominar-se-ão de fragmentos curriculares e serão suscitadas através de entrevistas que servirão de base para as textualizações. A professora pesquisadora também assumirá a condição de sujeito da pesquisa, narrando sobre a influência da Educação Matemática na organização do seu trabalho pedagógico. Espera-se que essa pesquisa possibilite o conhecimento e a resignificação da Educação Matemática nas relações sociais e, por conseguinte, no pleno exercício da cidadania.

**Palavras-chave:** Educação Matemática – Currículo – Narrativas de Professores

### **Abstract**

Empiric researches aided in the parameters of the methodology of the Oral History, focused in current experiences of the Mathematical Education. It will be centered in the searching teacher's narratives and teachers that supplied and/or they supply Mathematics in the Primary and Secondary Teaching in the period between 1960 to 2010 in Parintins-AM. It will be made a mapping of the teachers in the mentioned period. Starting from this, five teachers will be selected by chance. It will be verified what they narrate on approaches, teaching strategies and evaluatives processes that sustained and/or sustain their pedagogic works. Such experiences will be called of curriculum fragments and they will be raised through interviews that will

serve as base for the textualizations. The searching teacher will also assume the condition of subject of the research, narrating on the influence of the Mathematical Education in the organization of her pedagogic work. It is expected that this research will enable the knowledge and the redefinition of mathematics education in social relations and, therefore, in exercise of citizenship.

**Keywords:** mathematics education – Curriculum - teacher's narratives

## Introdução

Tendo em vista uma inquietação antiga acerca do desenvolvimento do trabalho pedagógico dos professores de Matemática em Parintins-AM, percebendo-se que a mesma também fazia parte de sua trajetória profissional, resolve-se centralizar o foco de investigação em torno de uma pesquisa empírica amparada nos parâmetros da metodologia da História Oral, focada em experiências curriculares decorrentes da Educação Matemática na cidade de Parintins, estado do Amazonas.

Para compreender o desenvolvimento profissional da professora pesquisadora e de professores que ministraram e/ou ministram a disciplina Matemática tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio no período compreendido entre 1960 a 2010, adotar-se-á como método a pesquisa qualitativa, com enfoque narrativo (CONNELLY e CLANDININ, 1995), com base em entrevistas semi-estruturadas. Acredita-se que essa abordagem possa promover a aproximação de conceitos, opiniões, experiências e prática dos sujeitos a partir de suas próprias percepções.

A escolha do período tomado para estudo justifica-se pela possibilidade de se perceber as transformações ocorridas ao longo de cinco décadas na Educação Matemática na cidade de Parintins no estado do Amazonas.

O percurso metodológico deverá iniciar-se com um mapeamento dos professores na cidade-campo da pesquisa no período anteriormente citado. A partir desse mapeamento, serão selecionados aleatoriamente cinco professores, sendo cada um representante de cada uma das últimas cinco décadas.

Como se está em busca de uma realidade não-documentada, as entrevistas terão um roteiro planejado, mas semi-estruturadas, de forma a dar aos professores sujeitos da pesquisa à possibilidade de seguirem seus próprios rumos narrativos.

As entrevistas deverão acontecer entre setembro a novembro de 2011 na cidade de Parintins, em momentos individuais que se optou por chamá-los de “depoimentos dialogados” (GARNICA, 2003), e deverão ser gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas pela pesquisadora e validadas pelos entrevistados. As mesmas servirão de base para as textualizações, contribuindo para a ampliação das múltiplas formas de compreensões do cenário da Educação Matemática em Parintins.

A partir das entrevistas verificar-se-á que os professores narram sobre as abordagens, às estratégias de ensino e os processos avaliativos que sustentaram e/ou sustentam seus trabalhos pedagógicos. Considerando-as em sua integralidade construir-se-á uma descrição da história de vida dos professores a partir de suas experiências na Educação Matemática, tais experiências serão denominadas de fragmentos curriculares.

Além disso, a professora pesquisadora também assumirá a condição de sujeito da pesquisa, narrando sobre a influência da Educação Matemática na organização do seu trabalho pedagógico, a partir da sua vivência e da sua experiência como professora de Matemática.

Dessa forma espera-se que essa pesquisa possibilite a ressignificação da Educação Matemática nas relações sociais e o pleno exercício da cidadania.

## A descrição do método

A História Oral surgiu com o movimento da escola dos *Annales*, valorizando as fontes e o estudo dos excluídos da história. A expansão deu-se na virada dos anos 70 e no decorrer dos anos 80, quando se registraram grandes transformações nos diferentes campos da pesquisa histórica.

Podemos definir História Oral como uma metodologia de pesquisa com características específicas. Alguns de seus representantes definem História Oral.

Para Meihy, História Oral é, “um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à vida social de pessoas. Ela é sempre uma história do tempo presente e também conhecida por histórias viva”. (2005, p.13).

Segundo Gattaz, após a primeira guerra mundial,

surgiram novas tendências no sentido inverso ao da história política e das elites. A escola sociológica de Chicago utilizava a entrevista, a observação participante e a biografia como meios privilegiados para a análise da realidade social. Os historiadores estão de acordo (...) sem desmerecer essas iniciativas pioneiras, que o verdadeiro nascimento da história oral deu-se nos Estados Unidos, após a 2ª guerra mundial, quando os gravadores portáteis tornaram possível o registro efetivo da voz. Consideram-se as primeiras gravações de Allan Nevins, em 1948, como o marco da criação deste método (1996, p.236).

Thompson, ao referir-se a História Oral diz que:

A história oral oferece, quanto a sua natureza, uma fonte bastante semelhante à autobiografia publicada, mas de muito maior alcance. (...) A realidade é complexa e multifacetada; e um mérito principal da história oral é que, em muito maior amplitude do que a maioria das fontes permite que se recrie a multiplicidade original de pontos de vista (1998, p.25-26).

Tem-se, nas citações acima, um pequeno esboço do que autores consideram ser a História Oral. Assim esta pesquisa será conduzida pela História Oral – aqui concebida como “abordagem qualitativa que vincula oralidade e memória” – para estudos históricos, por possibilitar a realização de registros a partir de narrativas de professores sobre as experiências curriculares na Educação Matemática em Parintins.

Utilizaremos a oralidade para constituir uma transcrição a partir de narrativas, tendo como pano de fundo a intencionalidade da constituição de fontes históricas. Optou-se por utilizar a História Oral, pela possibilidade de se investigar segundo Garnica: “o dito, o não dito e, muitas vezes de tangenciar o indizível e seus motivos e, portanto, de investigar os regimes de verdade que cada uma das versões registradas cria e faz valer, com o que se torna possível transcodificar – e, portanto, redimensionar – registros e práticas” (2007, p. 12,13).

Esse mesmo autor concebe a História Oral como uma soma articulada e planejada de algumas atitudes pensadas como um conjunto. Assim a História Oral não é apenas um ato ou procedimento único. História Oral não é apenas a entrevista ou outra fonte oral que marca a História Oral, para Meihy ela é,

[...] um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento de condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para o uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas (2007, p. 15).

Assim em meio às tramas, consideramos o modo de ver de uns e o parecer de outros. É nesta trama que a memória, a identidade e a comunidade, como matérias-primas da História Oral, favorecem a constituição de um campo fértil à elaboração de projetos investigativos. A experiência histórica de entrevistados propicia ao pesquisador trazer à tona conhecimentos que de outra forma seria difícil ou mesmo impossível resgatá-los.

Diante do exposto percebemos que é possível a utilização da História Oral – pensada como metodologia de pesquisa qualitativa – para estudos em Educação Matemática, uma vez que, na oralidade, o narrador tira o que narra da sua própria experiência (o que passou, o que aconteceu, o que tocou), a pressa não é bem-vinda, nesse momento se requer uma reserva de tempo. Tempo para lembrar, tempo para contar e tempo para ouvir.

## **A história de vida**

O interesse pela História Oral é crescente no mundo atual exatamente por surgirem questionamentos sobre a própria concepção de História, quando parece haver um interesse generalizado nos processos que envolvem as memórias individuais e coletivas, num momento em que “precisamente a sociedade dos meios de massificação pretende homogeneizar todas as formas de saber e de comunicação social” (SANTAMARINA; MARINAS, 1995).

As Histórias de Vida, também chamadas de relatos orais como dados históricos estão fortemente vinculados e, na verdade surgem com a Antropologia<sup>1</sup>. Porém muito tem sido escrito sobre o uso da história oral discutindo-se diferentes aspectos.

Nas áreas de Ciências Sociais e da Educação, autores como Demartini (1992), Lang (2006), Queiroz (1988) entre outros consideram tanto a autobiografia, a biografia, o depoimento oral, a história de vida, a história oral temática, o relato oral de vida e a narrativa de formação como partes constituintes da abordagem biográfica que se utiliza de fontes orais, integram-se à História Oral. Para Queiroz (1988) “História Oral é termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação”.

Dessa forma, a história de vida insere-se neste amplo quadro da História Oral, constituindo-se como uma forma de informação captada oralmente. Assim podemos dizer que histórias de vida são relatos do narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu. Nesse sentido Queiroz estabelece uma diferença entre o depoimento e história de vida pela forma específica de agir do pesquisador no momento da recolha das informações, assim dizendo:

---

<sup>1</sup> Não no Brasil. “As Histórias de Vida como técnica específica de pesquisa, no Brasil, não fez seu aparecimento nem na sociologia, nem na antropologia, e sim na psicologia social. A finalidade foi o esclarecimento de problemas da memória enquanto atributo humano esreitamente dependente da vida social e por essa alimentada”(QUEIROZ, 1988, p.33)

Ao colher um depoimento o colóquio é dirigido diretamente pelo pesquisador; que conduz a entrevista e tem nas mãos o fio elo com maior ou menor sutileza, mas na verdade. Da vida de seu informante só lhe interessam os acontecimentos que venham a se inserir diretamente no trabalho, e a escolha é unicamente efetuada com este critério (1988, p. 21).

Diferente do depoimento, na história de vida quem decide o que deve ou não ser contado é o narrador, ainda que seja o pesquisador quem sutilmente dirige a conversa.

Assim a História Oral é mais que uma ferramenta e menos do que uma disciplina. Meihy (2005, p.14) prefere “reconhecê-la como um instrumento capaz de colocar novos elementos à disposição dos interessados na leitura da sociedade”. Este autor considera três modalidades de história oral: história oral de vida (narrativas do conjunto da experiência de vida de uma pessoa); história oral temática (da história do narrador só interessam aspectos que interessam a temática central da pesquisa) e tradição oral (remete a questões do passado que se manifestam pelo que é chamado folclore e pela transmissão gerencial. As diferenças entre essas denominações estão na forma específica de agir do pesquisador, no momento de recolher as informações.

### **Conceituação e fundamentos**

Conceituar História Oral não é uma tarefa fácil. Pela dinâmica desse processo torna-se difícil conceituá-lo. Porém podemos concebê-la como um método utilizado por pesquisadores que pretendem investigar e comparar práticas educacionais já utilizadas com as atuais, visando construir um novo pensamento, uma nova prática, um novo método, a partir das tessituras históricas das narrativas.

Percebemos que o conceito pode se tornar múltiplo, dependendo de todo um processo investigativo, cuja finalidade é coser os fios da rede da vida como subsídios de nova postura para aquilo que a investigação se propõe. História Oral segundo Meihy (2005, p.13) “é um recurso moderno usado para elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos ele é sempre uma história do tempo presente e também reconhecida como história viva”.

Queiroz (1988) pontua como história de vida o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstruir os acontecimentos que vivenciou e, de igual modo, transmitir a experiência que adquiriu, desvelando fatos significantes que revelam a identificação do narrador com o seu grupo social, familiar e profissional na construção de sua identidade, para ela, “é a invenção de si mesmo” apresentando sua versão sempre baseada nos fatos reais de sua vida.

Percebemos uma variedade de termos e significados, cada qual com particularidades teóricas e metodológicas próprias, recobrando métodos que recorrem a apresentação de vidas concretas no contexto de quem as viveu. Chizzotti diz:

As particularidades expressam-se em diferentes termos correlatos, para discriminar diferentes particularidades teórico-metodológicas, tais como autobiografia, biografia, história de vida, relatos de vida, memória, história oral, abordagem biográfica, método biográfico, etc., todas, com suas especificidades, visando descobrir as possibilidades heurísticas de vidas pessoais, inseridas numa realidade histórica e social. (2008, p. 101).

Dessa forma se percebe que as diferenças entre as várias denominações de história de vida estão na forma de agir do pesquisador, no momento de recolher as informações. Portanto considerada ora como método, ora como técnica ou, ainda ao mesmo tempo como método e técnica, porque exige fundamentos teóricos e uma determinada maneira de conhecer a realidade, a abordagem biográfica, ainda há diferentes autores que defendem seu uso na pesquisa sócio educacional como uma alternativa capaz de resgatar a riqueza e a importância das histórias narradas por pessoas anônimas/desconhecidas, devolvendo às mesmas o seu lugar fundamental de fazedores de histórias.

### **Possibilidades de aplicação**

No processo evolutivo do ser humano está provado que o tempo traz maturidade, a experiência vivida pelo homem torna-o avaliador de suas atitudes, visando sempre anular os erros e praticar os acertos que se aperfeiçoam com o tempo.

A educação, em especial a Educação Matemática perpassa obrigatoriamente por esse processo, quando, através da História Oral em narrativas de professores, possibilita rever mudanças que ocorreram no período investigado. Porém é inegável a importância de uma base em que se fez toda uma construção de conhecimento, nela estão os alicerces da história atual, edificada sobre bases ainda informes, mas de grande relevância para o crescimento que parece não ter fim, visto que o ser humano, na ânsia de melhorias, sempre busca aperfeiçoar mais os seus conceitos.

Assim na História Oral, a habilidade de escutar o informante deve ser cuidada. Um ouvido atento é imprescindível para um narrador que, por cautela ou por esquecimento, pode omitir alguns detalhes, e, intencionalmente, ou por alimentar uma fantasia, acrescentar outros.

É nesse jogo entre continuidade e descontinuidade que surgem possibilidades de constituir narrativas que permitam rever práticas diferenciadas na Educação Matemática em Parintins. Acontecimentos, conjunturas, práticas e modos de viver serão selecionados pelo narrador quando dá a conhecer e/ou explicar o que já se passou.

As informações obtidas através de narrativas poderão possibilitar uma reflexão e a resignificação de práticas de ensino na Educação Matemática em Parintins, lavando a refazer as práticas e desenvolver novas formas de aprendizagem da Matemática.

### **A pesquisa narrativa na história de vida**

A análise referente ao lugar da narrativa na arquitetura do saber histórico apresenta duas faces. Uma admite que a narrativa não constitui uma solução alternativa à explicação/compreensão, a despeito do que curiosamente concordam os adversários e os defensores de uma tese, a qual, Ricoeur chamou de “narrativista” (2010, p. 250). A outra afirma que a composição da intriga constitui um autêntico componente da operação historiográfica, mas em outro plano diferente da explicação/compreensão.

Porém, não se deve esperar da narrativa que ela preencha uma lacuna da explicação/compreensão, mas se apresente como uma alternativa aparente que faz da narrativa ora um obstáculo, ora um substituto para a explicação. Também não se deve ignorar que, antes de tornar objeto do conhecimento histórico, o acontecimento é objeto de narrativa; e, em particular, as narrativas dos contemporâneos ocupam lugar privilegiado entre as fontes documentais existentes. (RICOEUR, 2010, p. 251).

O laço entre a experiência e a sua reelaboração na condição narrativa é indissociável, por permitir uma abertura para revivificar e ao mesmo tempo recriar o vivido, ponto central para a análise de relatos autobiográficos.

A narrativa vem sendo muito valorizada nas pesquisas em Educação em particular na Educação Matemática, que usam a história de vida para reconhecer os fatores que influenciam a formação do professor. Acreditamos que ao buscarmos através das narrativas a compreensão do processo de construção das aprendizagens da docência do professor de Matemática em Parintins, será possível identificar também através de suas histórias de vida, elementos de tensões que o levem a busca de novos conhecimentos para redirecionar sua prática pedagógica.

Nesse contexto a história de vida é um relato retrospectivo da experiência de um indivíduo, oral ou escrito, relativo a fatos e acontecimentos que foram significativos e constitutivos de sua experiência vivida. História de vida que pode significar muitas coisas dependendo dos objetivos do pesquisador.

Para Chizzotti (2008) alguns autores distinguem história de vida dos relatos ou narrativas de vida para designar contos livres de um sujeito que narra espontaneamente os acontecimentos vividos. Assim a história de vida narra a vida de um indivíduo ou de um grupo, apoiando-se em variadas fontes de informações além do relato do sujeito, como documentos, entrevistas ou quaisquer outras fontes que contenham informações sobre os fatos, o contexto e a própria pessoa.

## Fundamentos

Segundo Paul Ricoeur, “a História, é essencialmente narrativa” (2010). É a narração que permite uma manifestação mais nítida das experiências, permite que o tempo vivido – mesmo que não possa ser plenamente apreendido – apareça.

Para o autor é necessário que o evento da linguagem se estabilize para que se possa pretender sua apreensão pelo humano, na comunicação, segundo Ricoeur:

A comunicação é um fato e, mesmo, até o fato mais óbvio. As pessoas, efetivamente falam umas às outras. Mas para uma investigação existencial, a comunicação é um enigma e até mesmo um milagre. Por quê? Porque o estar junto, como condição existencial da possibilidade de qualquer estrutura dialógica do discurso, surge como um modo de ultrapassar ou de superar a solidão fundamental de cada ser humano. (...) A experiência experienciada, como vivida, permanece privada, mas seu sentido, a sua significação, torna-se pública. (2009, p. 27)

É narrando que o depoente estabelece a comunicação com o ouvinte e significados tendem a ser atribuídos nessa escuta mútua. O discurso, porém, é evanescente, é evento da linguagem, e no processo que tenta negociar significações, esse evento, mesmo em sua evanescência, precisa de algum modo, ser retido, fixado. É necessário que o evento da linguagem se estabilize para que se possa pretender sua apreensão.

Nesse contexto cada professor tem sua história e em cada história protagoniza alunos, livros, conhecimentos, avaliações, alegrias, tristezas, frustrações, etc. Cada história funciona como um indicador que atua inconscientemente, condicionando hábitos, definindo atitudes, determinando concepções, modos de agir em sala de aula, que não passaram por um processo de reflexão.

Desse modo, o professor de Matemática, ao relatar sua história de vida sobre abordagens, estratégias de ensino, processos avaliativos que sustentaram e/ou sustentam seus trabalhos pedagógicos, estará revendo sua prática em função das vivências que foram escolhidas para serem narradas.

Faz-se necessário distinguirmos histórias de vida e depoimentos pessoais, é preciso ainda destacar a diferença entre autobiografias e biografias. Segundo Queiroz:

Narrar sua própria experiência consiste numa autobiografia, e toda história de vida poderia, a rigor, ser enquadrada nesta categoria tomada em sentido lato. Mas no sentido restrito a autobiografia existe sem nenhum pesquisador é essa sua forma específica. É o narrador que, sozinho, manipula os meios de registro, quer seja a escrita, quer seja o gravador. (1991, p. 8)

Assim a biografia é a história de um indivíduo dirigida por outro; existe aqui a dupla intermediação que a aproxima da história de vida, consubstanciada na presença do pesquisador e no relato escrito que sucede as entrevistas.

Dentro do quadro amplo da História Oral, utilizaremos “histórias de vida” para captarmos as narrativas que atendem os objetivos desta pesquisa. Utilizaremos histórias de vidas para compreender as práticas na Educação Matemáticas em Parintins.

Queiroz (1991, p.11), afirma que através das histórias de vida podemos descobrir a condição *sinequa non* para que “a história de vida e os relatos orais sobre o passado pudessem ser utilizados: comportamentos e valores são encontrados na memória dos mais velhos, ainda estes já não vivem na organização de que haviam participado no passado”.

É dessa forma que utilizaremos a História Oral através das histórias de vida como instrumento eficaz para o estudo da Educação Matemática em Parintins que também é um processo histórico imerso no tempo presente.

### **Possibilidades e limitações**

No momento em que se conduz um diálogo para convergir e responder diretamente ao tema de interesse do nosso estudo selecionamos aspectos relacionados à vida profissional docente, por entendermos que as narrativas demarcam um espaço tempo de vida pessoal e profissional.

Enquanto se narra, seja de forma oral ou escrita, organizamos nossas idéias e potencializamos a reconstrução da nossa história de vida pessoal e profissional de forma autorreflexiva, o que proporciona à compreensão das experiências vividas, favorecendo a articulação entre a teoria e a prática de ensinar.

A compreensão de uma realidade, por qualquer tipo de análise, tendo em vista os relatos, as narrativas, apoiadas em visões de mundo inclui a compreensão dos modos de narrar do outro: os modos pelos quais o outro atribui significado às suas próprias experiências. Mas será que é realmente possível perceber as práticas e as experiências de um sujeito narrador? Ou ainda: prática e experiência se deixam narrar?

Preliminarmente, na tentativa de responder a esses questionamentos faz-se necessário diferenciar prática de experiência. Larrosa faz uma ressalva em relação ao uso da palavra *experiência* afirmando que: “ela não deve ser entendida, como um modo de conhecimento inferior ou apenas como um ponto de partida para um conhecimento, ou como um empecilho para um conhecimento verdadeiro” (2005, p.3).

Assim, narrar é contar uma história. Narrar-se é contar nossa história ou uma história da qual também somos, fomos ou nos sentimos personagens. As narrativas, então, oferecem em si a possibilidade de uma análise como um processo de produção de significados a partir de uma introspecção que se inicia quando o ouvinte/leitor/apreciador de um texto se apropria deste texto, tecendo significados que são seus, mesmo que produzidos de forma compartilhada, e constrói uma trama narrativa própria que será ouvida/lida/vista por um terceiro, retornando ao início do processo, formando seu próprio conceito.

É desse modo, que tanto a professora pesquisadora quanto os professores que ministraram e/ou ministram a disciplina Matemática em Parintins estarão relatando suas histórias de vida sobre a produção de suas aprendizagens docentes, sobre a influência da Educação Matemática na organização de seus trabalhos pedagógicos e assim contribuindo para novas práticas docentes em função das vivências que foram escolhidas para serem narradas.

## **Considerações Finais**

Considerando o exposto, procurar-se-á mostrar através de fragmentos de experiências curriculares um pouco da vivência da professora pesquisadora e de professores que ministraram e/ou ministram Matemática no Ensino Fundamental e Ensino Médio no período de 1960 a 2010 em Parintins-AM, vislumbrando-se encontrar riquezas de estágios de vida desses docentes.

A partir de análises das narrativas obtidas, procurar-se-á evidenciar as dificuldades vivenciadas pelos docentes, relacionadas ao processo de ensino e aprendizagem, suas abordagens, estratégias de ensino e os processos avaliativos que sustentaram e/ou sustentam seus trabalhos pedagógicos.

Tais análises também serão evidenciadas referentes às narrativas da professora pesquisadora, na condição de sujeito da pesquisa, uma vez que a mesma também narrará sobre a influência da Educação Matemática na organização do seu trabalho pedagógico, a partir da sua vivência e da sua experiência como professora de Matemática.

Segundo Delgado (2006, p.18), entre os muitos desafios da História Oral, destacam-se, portanto, “o da relação entre as múltiplas temporalidades, visto que, em uma entrevista ou depoimento, fala o jovem do passado, pela voz do adulto, ou do ancião do tempo presente”.

Dessa forma a autora acredita que o adulto traz em si memórias de suas experiências. Fala-se em um tempo sobre um outro tempo. Enfim, registram-se sentimentos, testemunhas, visões, interpretações em uma narrativa entrecortada pelas emoções do ontem, renovadas ou ressignificadas pelas emoções do hoje.

O que se propõe aqui através de fragmentos de experiências curriculares na Educação Matemática entre 1960 a 2010 em Parintins é uma descrição da história de vida desses docentes a partir de suas experiências.

Portanto amparada pela História Oral é que serão realizadas as entrevistas com os docentes que participaram do processo histórico em Parintins ou testemunharam no âmbito da vida privada ou coletiva. Assim objetivamos a construção de fontes ou documentos que venham subsidiar essa pesquisa ou formas de acervo de documentação e de pesquisa.

As narrativas produzidas pela História Oral incluem-se entre as narrativas históricas, que se distinguem das narrativas épicas, que são lendárias, atemporais. Porém, essa pesquisa não objetiva a História Oral em si mesma, mas os possíveis registros referentes à Educação

Matemática em Parintins, sobre o que passou e sobre o que ficou como herança ou como memória.

As narrativas são traduções dos registros das experiências retidas, contém a força da tradição e muitas vezes relatam o poder das transformações. História e narrativa, tal qual História de memória se alimentam. Delgado, (2006, p. 44)

Em suma, narrativas, sujeitos, memórias, histórias e identidades. É a humanidade em movimento. São olhares que permeiam tempos heterogêneos. É a História em construção. São memórias que falam. Espera-se que essa pesquisa possibilite a ressignificação da Educação Matemática nas relações sociais e o pleno exercício da cidadania.

## Referências

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 2ª. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CONNELLY, F. M. e CLANDININ, D. J. **Relatos de experiencias e investigación narrativa**. In: LARROSA, J. E. et al. *Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa y educación*. Barcelona: Editorial Laertes, 1995.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DEMARTINI, Z. de B. F.; LANG, A. B. da S. G. **Educando para o trabalho: família e escola como agentes educadores**. São Paulo: Loyola, 1985.

**Educação Matemática**. 2005. 203 f. Tese (Livre-Docência) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru. Disponível em <<http://www.sbem.com.br>> Acesso em: 12 jul. 2011.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. **História Oral e Educação Matemática: de um inventário a uma regulação**. *Zetetiké*. Campinas, São Paulo. UNICAMP-FE-CEMPM, v.11, n.19, jan/jun., p. 9-55, 2003.

\_\_\_\_\_. **História Oral em Educação Matemática**. Guarapuava: SBH, Mat, 2007.

\_\_\_\_\_. **História Oral e Educação Matemática**. In BORBA, M.de C. e ARAÚJO, J. de L. **Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 77–98, 2004. Disponível em <<http://www.rc.unesp.br>> Acesso em: 10 jun. 2011.

GARNICA, A.V.M., MIGUEL, A., DAMBRÓSIO, U. e IGLIORI, S.B.C. A Educação Matemática: Breve Histórico, Ações Implementadas e Questões sobre sua Disciplinarização. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo Editores Associados, v.27, p. 70–93, 2004. Disponível em <<http://www.l.capes.gov.br>> Acesso em: 11 jul. 2011.

GATTAZ, A. C., *Braços da Resistência – Uma história oral da imigração espanhola*. São Paulo: Xamã, 1996.

LANG, A. B. S. G.; CABRERA, O.; SIMSON, O. R. M. von; MENEZES, M. **Uma entrevista em análise: olhares diversos**. **Revista Pesquisa Qualitativa**, Bauru, v. 2, v. 1, p. 55–98, 2006.

LARROSA, J. **Algunas notas sobre la experiencia y sus lenguajes**. In: BARBOSA, J. R.L.L. (Org.). **Trajetórias e perspectivas da formação de educadores**. São Paulo: UNESP, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe B. **Manual de História Oral**. 4ª. Ed São Paulo: Vértice, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe B. & HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

QUEIROZ, Maria Isaura P. de. **Relatos orais: do indizível ao dizível**. Experimentos com histórias de vida. Simson, Olga (org.), São Paulo. **Revista dos Tribunais**, 1988.

\_\_\_\_\_. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T. A. Queiroz. 1991.

RICOUER, Paul. **A história, a memória, o esquecimento**. Tradução: Alain François et. al. São Paulo: Unicamp, 3ª Ed. 2010.

\_\_\_\_\_. **Tempo e narrativa** (tomo III). São Paulo: Papirus, 1997.

\_\_\_\_\_. **Teoria da Interpretação: O discurso e o excesso de significação**. Tradução Portuguesa: Artur Morão. Lisboa: Ed. 70ª, LDA, 2009.

SANTAMARINA, C.; MARINAS, J. M. **Histórias de vida e história oral**. In: DELGADO, J. M.; GUTIÉRREZ, org. Métodos y técnicas cualitativas de investigación em ciências sociais. Madri: Editorial Síntesis, 1994, p. 257-285.

THOMPSON, P. **A voz do passado - História Oral**. 2ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.